Programa "Mister Brau" e o contra-agendamento: Quando a sociedade se impõe e pauta a mídia[1]

Wagner Machado da SILVA[2]

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

O presente artigo utiliza o conceito de contra-agendamento, para explicar a hipótese que ocorre quando o agendamento é feito a partir da sociedade para a mídia. Essa perspectiva, que é diferente da teoria tradicional onde a produção dos efeitos se dá do emissor em direção à audiência massiva, pode ser evidenciada no seriado global "Mister Brau", pois ele rompeu, conforme retrospecto e análise de conteúdo, o paradigma da representação estereotipada do negro. Essa alteração ocorreu, porque, após constantes casos de racismos e injúria racial, uma parcela da sociedade fez o contrafluxo para que a etnia fosse apresentada de uma forma mais real e justa, sem a restrição limitadora de papeis secundários de empregados domésticos, ladrões e motorista, por exemplo.

Palavras-chave: Mister Brau; Contra-agendamento; Preconceito Racial; Negritude; Televisão.

Introdução

Para entender melhor como se dá o contra-agendamento, é indispensável compreender o caminho inverso: como foi conceituado e, ao longo do tempo, massificada, a teoria do agendamento. De forma resumida, os fundadores dessa vertente, Maxwell McCombs e Donald Shaw, defendem que a teoria se dá da seguinte forma: *A capacidade dos media em influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública confirma seu importante papel na configuração de nossa realidade social, isto é, de um pseudo-ambiente, fabricado e montado quase completamente a partir dos mass media. (*MCCOMBS; SHAW, 1977, p.7)

McCombs e Shaw realizaram, em 1968, a pesquisa que evidenciou o conceito de agendamento. Os dois entrevistaram 100 eleitores, ainda indecisos, entre 18 de setembro e 6 de outubro, no condado de Chapel Hill, nos Estados Unidos. Junto com as entrevistas, que revelavam os principais problemas para os eleitores, os pesquisadores

[1] Artigo apresentado na disciplina de Teorias da Comunicação, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 2017/1
[2] Mestrando em Comunicação na FAMECOS-PUCRS email: wagner.machado@acad.pucrs.br.

acompanharam, de forma paralela, as notícias em nove veículos de comunicação, entre eles cinco jornais, e compararam a forma como esse conteúdo era veiculado.

Os estudos foram concluídos naquele mesmo ano. Entretanto, somente se tornaram público em 1972, quando o lançamento do artigo formalizou o termo *agenda-setting* no meio acadêmico. Como conclusão da pesquisa, McCombs afirma:

> Resumindo, o mundo político é reproduzido imperfeitamente pelas notícias individuais. No entanto, as evidências neste estudo de que os eleitores tendem a compartilhar a definição de composição da mídia sobre o que é importante, sugere fortemente uma função de agendamento pela mídia de massa (McCOMBS; SHAW, 1972, p.184).

De forma objetiva, o agendamento é a inclusão de um conteúdo específico na lista de temas abordados pela mídia e também a percepção que esse tema começa a ter a partir do ingresso no discurso cotidiano. Assim, a teoria quer explicar por que alguns temas ou fatos são direcionados ao topo da visibilidade nos meios de comunicação e, a partir daí, integram a agenda pública, sendo discutidos, não raro, à exaustão.

> A hipótese do *Agenda-Setting* não defende que os mass media pretendem persuadir (...). Os mass media, descrevendo e precisando a realidade exterior, apresentam ao público uma lista daquilo que é necessário ter uma opinião e discutir. O pressuposto fundamental do *Agenda-Setting* é que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida, por empréstimo, pelos *mass media* (SHAW apud WOLF, 2001, p. 145).

Compreendido que a Hipótese do Agendamento, ou Hipótese de *Agenda-setting* entende que os meios de comunicação agendariam os temas os quais os cidadãos considerariam como os mais importantes, é possível, agora, fazermos o caminho inverso, o do contra-agendamento. Em resumo, quando *o público consegue influenciar a agenda midiática através de sua própria agenda, por meio de mecanismos próprios, como as ações de movimentos sociais, por exemplo.* Barros Filho (1995) sustenta, que quanto maior o grau de relações interpessoais entre os membros de uma comunidade, menor a influência da mídia, ou seja, o poder de agendamento. Nesse sentido, o contra-agendamento pode ocorrer a partir destas relações onde a sociedade ganha força e consegue influenciar a mídia.

Segundo Miranda (2010), “alguns autores apontavam para a possibilidade de haver um caminho contrário ao da influência da imprensa na sociedade. Seria a ideia de que essa sociedade também teria o potencial de pautar a mídia” (MIRANDA, 2010, p.5). Já Sousa (2002) enfatiza que a hipótese do agendamento pode subestimar a realidade

quando não contempla a possibilidade de a audiência pautar a mídia. Ainda assim, por enquanto, são poucas as pesquisas que valorizam esse recorte recém citado. Porém, no Brasil, Luiz Martins Silva, no capítulo "Sociedade, esfera pública e agendamento" (In: LAGO e BENETTI, 2007) joga luz sobre a influência que organizações civis e movimentos sociais conseguem exercer sobrea mídia. De acordo com Silva (2007) o contra-agendamento

> Compreende um conjunto de atuações, que passam estrategicamente, pela publicação de conteúdos na mídia e depende, para seu êxito, da forma como o tema-objeto-de-advocacia foi tratado pela mídia, tanto em termos de espaço, quanto em termos de sentido produzido (SILVA, 2007, p.84-85).

O autor opta pelo termo *advocacy* como *defender*, representando as iniciativas dos grupos e movimentos sociais com o intuito de produzir pressão política por meio de suas ações articuladas de mobilização, defendendo seus interesses ou da sociedade civil organizada. À medida em que essa relação se consolida, ainda que de forma tímida e com muita insistência, como se deu com a militância negra, no caso do "Mister Brau", por exemplo, ocorre a inserção na esfera pública de temas sociais, com a devida promoção e visibilidade midiática, podem ser replicados e, assim, oferecer uma perspectiva de mudança social. Tal fato ocorre por que pensamentos em torno do *agenda-setting* devem evoluir e isso é percebido na possibilidade de haver um caminho contrário ao da influência da imprensa na sociedade**.** Nessa ótica, como forma de contextualização, é possível evidenciar que os crimes de racismo e também as ações de injúrias raciais, que já eram constantes, tomaram novas proporções quando atingiram pessoas públicas, como jogadores de futebol e atores globais, como o goleiro Aranha[3], o craque Daniel Alves[4], as atrizes Taís Araújo[5], Cris Vianna[6], Sheron Menezzes[7] e a cantora Ludmilla[8]. Ao passo que esses casos vieram à tona, muitos se mobilizaram, sobretudo, via redes sociais para repudiar e exigir dos governos e da mídia um discurso e prática contemporâneos avessos

[3] Disponível: em: http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,aranha-sofre-ofensas-racistas-de-gremistas-e-desabafa-doi-muito,1551235 Acesso em 17 jun de 2017.
[4] Disponível em: http://veja.abril.com.br/esporte/como-daniel-alves-derrotou-o-racismo/ Acesso em 17 jun de 2017.
[5] Disponível em: http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/11/tais-araujo-e-vitima-de-racismo-na-web-e-garante-nao-vou-me-intimidar.html Acesso em 17 jun de 2017.
[6] Disponível em: http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/11/cris-vianna-e-vitima-de-racismo-na-internet-assim-como-tais-araujo.html Acesso em 17 jun de 2017.
[7] Disponível em: http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/12/atriz-sheron-menezzes-sofre-ofensas-racistas-em-redes-sociais.html Acesso em 17 jun de 2017.
[8] Disponível em: http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/06/apos-polemica-ludmilla-diz-abomino-qualquer-tipo-de-preconceito.html Acesso em 17 jun de 2017.

a essas práticas desprezíveis. Ou seja, o mal de ir contra a Constituição e tentar distinguir as pessoas por etnia, orientação sexual ou credo, através do enfrentamento das minorias, tornou-se o bem e impulsionou aqueles que quase sempre ficaram à margem da sociedade por falta de equidade.

Com essa ótica, Silva (2006), avalia o conceito de *agenda-setting*, tentando compreendê-lo sob uma nova perspectiva, a do contra-agendamento. Silva entende que o contra-agendamento parte do pressuposto de que o agendamento também ocorre da sociedade para a mídia. Essa perspectiva pressupõe que, em uma sociedade democrática, pode existir também sujeitos coletivos e de respectivos lugares de fala. Ao promover o empoderamento desses atores sociais, empenhados em movimentos ou organizações da sociedade civil, há um beneficiamento da sociedade como um todo.

O contra-agendamento (do inglês, *social setting*) é, então, nesse prisma, a influência das organizações e movimentos sociais sobre a mídia. O termo *contra-agendamento* faz referência àqueles temas ou assuntos que são debatidos pela sociedade de forma mais horizontal e que acabam pautando a mídia.

> Esse contra-agendamento compreende um conjunto de atuações, que passam estrategicamente, pela publicação de conteúdos na mídia e depende, para seu êxito, da forma como o tema objeto de advocacia foi tratado pela mídia, tanto em termos de espaço, quanto em termos de sentido produzido (SILVA, 2007, p. 84 e 85).

O programa "Mister Brau"

Com intuito de aumentar a aceitação e despertar a curiosidade da população, bem antes da estreia do seriado "Mister Brau", em 22 de setembro de 2015, o cantor que dá nome ao programa já começava a se tornar conhecido em todo o Brasil. Isso ocorreu porque houve a inserção do personagem na programação da Rede Globo, em uma mistura de ficção e realidade, que tinha como objetivo apresentar a vida e a carreira de Brau e mostrar o potencial do astro para estrelar um programa de televisão. Além disso, "Mister Brau" teve o lançamento de videoclipe e perfis nas redes sociais com participações de nomes relevantes da música brasileira, como Nelson Motta, Ivete Sangalo, Lulu Santos e Carlinhos Brown.

Com exibição semanal, todas as terças-feiras, no horário das 22h30min, na Rede Globo, o programa televisivo "Mister Brau" tem a autoria de Jorge Furtado e a primeira temporada, em 2015, foi exibida em 13 episódios de aproximadamente 35 minutos cada.

Já em 2016, foram veiculados 17 episódios, além do "EspeciBrau"[9], em 21 de dezembro, onde o casal Brau apresentou 25 videoclipes das melhores músicas de "Mister Brau". Nesse ano, em 2017, antes da temporada com 18 capítulos estrear, mais uma vez, ocorreu um programa especial em um domingo à tarde para enfatizar o início da nova trama. Em "Os Brau"[10], houve apresentações de Karol Conka, Marília Mendonça, Claudia Leitte, Maiara & Maraisa, Pablo, Buchecha, Liniker e os Caramelows, entre outros. Durante a transmissão da terceira temporada, já foi confirmado que a série terá continuidade em 2018. A partir dos episódios, é possível conhecer o universo superlativo de Brau: um mega astro que se muda para um luxuoso condomínio na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro, que, em razão da sua rotina atribulada, envolve-se em confusões com a vizinhança.

Astro com prestígio internacional, Brau conquistou o público com sua mistura de gêneros, que vai de ritmos africanos ao pop. De acordo com o site Memória Globo[11], a trama principal gira em torno da família de Brau: Casados há cinco anos, Michele (Taís Araújo) e Braúlio (Lázaro Ramos) são celebridades reconhecidas no mundo do entretenimento..

> Meu nome é Brau, marrom em inglês. Eu *abrasileirei*, para ficar diferente do James e do Carlinhos. E marrom em português é a Alcione", costuma dizer o artista. Além de empresária e coreógrafa do astro, Michele tenta remediar as confusões provocadas por ele. Por sua vez, o artista tem a mulher como musa inspiradora. A vida do casal ganha novos contornos quando eles se mudam para um condomínio de luxo na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro. A série também trata com humor temas como preconceito e racismo (MEMÓRIA GLOBO, 2015).

"Mister Brau" é a primeira série da TV Globo que coloca personagens negros como protagonistas emergentes, longe da senzala. Recentemente, a *Revista da TV*, do jornal *O Globo* realizou uma enquete[12], cujo título era o sonho da igualdade racial, com os atores e autores da teledramaturgia brasileira, perguntando se eles acreditavam que os negros poderiam ter uma maior participação na televisão nacional:

> Todos os entrevistados, entre eles Taís Araújo e Gilberto Braga, afirmaram que ainda há um longo caminho para a efetiva inclusão do negro na teledramaturgia, ainda que percebam alguns pontos positivos nesse sentido. (FARIA e

[9] Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/5526905/ Acesso em 17 jun de 2017.
[10] Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/5781821/, Acesso em 17 jun de 2017.
[11] Disponível em: http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/mister-brau/mister-brautrama-principal.htm. Acesso em 17 jun de 2017.
[12] O Globo, "Revista da TV", p.16, 13 mai. 2012

FERNANDES, 2007 p.12)

Segundo o documentário "*A negação do brasil – O negro nas telenovelas'*, a representação dessa etnia na dramaturgia televisiva sempre se deu de forma tímida e preconceituosa. O documentário conta que, na maioria das vezes, o negro representa papéis de empregados domésticos, motoristas ou mesmo de escravos. Para Araújo (2006, p.76,77), "a escolha dos galãs, dos protagonistas, celebra modelos ideais de beleza europeia. No lado inverso, os atores de origem negra e indígena serão escalados para representar os estereótipos da subalternidade e da inferioridade étnica e social".

Para melhor compreensão do programa, cabe um breve resgate histórico dos papeis dos negros na teledramaturgia. Assim, é possível dimensionar o avanço e quebra de conceito que "Mister Brau" representa. Durante a década de 1990, o negro começou a ganhar espaço nas produções, saindo da submissão do patrão branco, e passou para a classe média mais realista. Em 1995, Silvio de Abreu iniciou essa nova etapa na participação dos negros. Ele deu espaço, na novela "A próxima vítima", para um núcleo consolidado de uma família de classe média, que tinha como matriarca Fátima (Zezé Motta), seu marido Cleber (Antonio Pitanga) e seus três filhos Sidney (Norton Nascimento), Jefferson (Lui Mendes) e Patrícia (Camila Pitanga). Cabe lembrar que essa representação foi uma vitoriosa exceção, pois os papeis subalternos, destinados aos negros, não foram extintos e em outras representações seguiram presentes. No ano de 1996, Walcyr Carrasco ousou levar para a televisão a histórica "Xica da Silva". Com direção de Walter Avancini e produzida pela extinta TV Machete, "Xica da Silva" teve como protagonista Taís Araújo, hoje casada com Lázaro Ramos.

Foi somente em 2004 que a *TV Globo* lançou sua primeira telenovela protagonizada por uma atriz negra. "Da cor do pecado", de João Emanuel Carneiro, retratou o amor inter-racial entre o milionário branco Paco (Reynaldo Gianecchini) pela trabalhadora Preta (Taís Araújo). Da mesma forma que Preta, outras personagens protagonistas foram representadas por atrizes negras, mas que apresentavam profissões com pouco status perante a sociedade. Já em 2013, Camila Pitanga protagonizou "Babilônia", interpretando a vendedora Regina.

Análise de conteúdo

Quem assiste "Mister Brau" percebe que é visível a intenção do seriado em provocar um olhar para o estrato dos novos ricos, a partir do racismo e de uma discussão sobre a resistência das classes sociais mais privilegiadas. A série quebra paradigmas, estrelando dois protagonistas negros e demonstra a ascensão social deles através de oportunidade, dedicação e talento.

Como relata o documentário "A negação do brasil – O negro nas telenovelas" os descendentes dessa etnia sempre tiveram papéis secundários ou muitas vezes já estereotipados. Dessa forma, é louvável ver a população negra se ver representada como protagonistas. Para Araújo, raramente o negro representa o papel de um empresário rico, ou um herói; o negro ou o mulato nos audiovisuais brasileiros sempre é aquele malandro, que tem o samba no pé, que é cheio de ginga e que, no fundo, essa imagem acaba sendo passada como falta de responsabilidade, que culmina na fixação de um caráter negativo.

No primeiro episódio da primeira temporada de "Mister Brau", há uma cena onde os dois protagonistas chegam às três da manhã, na casa que compraram, em um condomínio de luxo na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Ambos ficam felizes com a aquisição e tomam banho de piscina para aproveitar a estrutura do novo lar. Porém, quando os vizinhos escutam um barulho, olham pela janela e acreditam que dois bandidos invadiram a casa ao lado, pelo horário e, principalmente, devido ao fato dos dois serem negros e resolvem chamar a segurança do condomínio. Já nesse primeiro momento de contato com o seriado, é possível perceber como o preconceito ainda está enraizado na sociedade brasileira.

A síndica do condomínio, branca, desde o primeiro episódio demonstrou não simpatizar com os novos vizinhos, mesmo antes de conhecê-los. Ao longo dos programas, não foram poucas as situações em que ela julgou a cultura por eles apresentadas, assim como o vestuário de Michele, não sai ileso às críticas. As insinuações de preconceitos, raciais e sociais, feitas por Andrea, nome da síndica, são claras, durante toda a temporada, assim como o fato dos personagens Michele, Brau e Lima, serem confundidos com empregados, em situações diversas, e também as referências ao subúrbio, local de origem dos personagens principais.

EPISÓDIO (assista ao vídeo no *link* inserido na nota de rodapé) Mister Brau compra mansão e Michele, sua esposa, descobre traição [13].

Brau: E aí, vamos entrar?

Michele: Tá maluco?

Brau: Por que não?

Michele: Como?

Brau: Do meu jeito... *Brau pula o muro, entra na casa e abre a porta da frente para Michele*

Andrea: Henrique, Henrique! Acorda! Tem gente na casa do lado!

Henrique: Não deve ser nada. Vamos dormir.

Andrea: Como não deve ser nada? Você nunca se preocupa com nada. As luzes estão acesas.

Henrique: Quem sabe eles não compraram?

Andrea: *E resolveram mudar para cá às três da manhã? No jardim, Brau e Michele estão na piscina. Andrea chega na varanda observando os vizinhos com um binóculo. A câmera, através do binóculo, foca em Brau na piscina, de braços abertos. Andrea, ao ver Brau, passa o binóculo para Henrique.*

Andrea: É ladrão! É ladrão!

Henrique: Que é isso! Como é que você sabe? Henrique pega o binóculo e observa a piscina.

Andrea: Você acha que esse cara pode ser dono disso tudo?

Henrique: Não...

Andrea: Eu ligo pra polícia direto ou chamo o segurança?

[13] Disponível em: http://gshow.globo.com/series/mister-brau/2015/episodio/2015/09/22/resumo-mister-brau-compra-mansao-e-michele-sua-esposa-descobre-traicao.html . Acesso em 17 jun de 2017.

Henrique: Sim...

Andrea: Sim o quê, Henrique? Polícia ou segurança?

Henrique: Polícia... não, segurança... primeiro o segurança.

Andrea: Tenente Marques, que demora, hein!

Tenente Marques : Parados! Vocês estão invadindo propriedade particular. Mãos para cima! (...)

Brau: Vem cá, quem é o senhor?

Tenente Marques: Eu sou o tenente Marques, chefe de segurança do condomínio Moutain Hill. E você, quem é?

Brau: Peraí, você tá de brincadeira comigo?

Tenente Marques: Tô com cara de quem tá de brincadeira aqui, rapaz?

Brau: Você realmente não sabe quem eu sou?

Henrique: Não... deveríamos? Quem é você? Brau e Michele se olham. Brau faz um gesto de "M" com as mãos.

Tenente Marques: Ha, há, há, Mister Brau?

Brau: Sou eu!

Tenente Marques: Então você vai me dizer que ela é a Michele Brau?

Brau: Ela é a Michele Brau, pronto, falei. (...)

Em casa, Henrique e Andrea conversam no quarto.

Andreia: Meu pai do céu, o que foi que eu fiz?

Henrique: Que houve?

Andrea: O que houve, Henrique? A gente vai ser vizinho de pagodeiro!

Henrique: Eles não são pagodeiros, eles são músicos. Qual é o problema?

Andrea: O problema é que eles devem fazer festa o dia inteiro. Música a todo volume, um bando de gente na piscina aos gritos, me dá até arrepio!

Henrique: Amor, Andrea, você tem que abrir a sua cabeça... você tem que se modernizar. Você sabia que o PIB das favelas brasileiras é igual ao do Uruguai? O país mudou, Andrea. O mundo mudou. Chega de tanto preconceito.

EPISÓDIO (assista ao vídeo no *link* inserido na nota de rodapé) Brau se mete em confusão e recebe voz de prisão[14].

Cliente: Muito cuidado com esse carro!

Brau; Ih! O cara pensou que eu era manobrista, me entregou a chave do carro dele. Então tá... leva meu carro, Fabrício. (...)

Ao chegar em casa com um carro diferente, Michele o questiona:

Michele: Brau, vem cá, que carro é esse aí fora?

Brau: Pois é, o cara me deu. Me confundiu com o manobrista e me entregou a chave. Acredita?

Michele:Tá brincando...

Brau: Ôô

Michele: E você saiu com o carro?

Brau: Por que não? O cara me deu a chave, não me perguntou nada. Eu também não disse nada pra ele, se ele quiser o carro de volta, ele que me encontre e venha buscar o carro aqui.

Michele: Vem cá, você é maluco? Eu quero ver se o dono do carro resolve baixar aqui com a polícia na hora do meu jantar.

Brau: Ah, tomara que ele faça isso. Assim ele vai ter que me explicar porque é que ele me deu a chave do carro. Dependendo do que ele falar, taco logo um processo nele. (...)

[14] Disponível em: http://gshow.globo.com/series/mister-brau/2015/episodio/2015/12/22/brau-se-mete-em-confusao-e-recebe-voz-de-prisao.html . Acesso em 17 jun de 2017.

No final do episódio, Brau consegue provar que o cliente em questão, que é um juiz muito conhecido e renomado, agiu de forma racista e recebe uma retratação pública. Além disso, e de forma pedagógica, o cantor juntamente com seu advogado, Henrique, encontram provas que mostram que o juiz é malandro e o deixam em uma situação complicada perante a mídia e a sociedade.

Como analogia, podemos ver que o ator buscou questionar o ocorrido e mostrar que situações como esta também acontecem na vida real, inclusive com o Luís Miranda, que interpreta Lima, amigo de Brau, na série que foi confundido com garçom, no Rio de Janeiro.[15]

Considerações finais

Como vimos nesse artigo, a teoria do *agenda-setting* contempla um agendamento no sentido mídia → sociedade. Ou seja, sob essa perspectiva, a mídia detém o monopólio de pautar, de acordo com seus interesses e conveniências, as várias agendas: governamentais, políticas ou sociais.

Ainda assim, a perspectiva que utilizamos, neste trabalho mostra uma outra possibilidade, isto é, o de um agendamento produzido a partir da sociedade para a mídia, mudando, assim, uma histórica relação verticalizada e de mão única, para uma relação horizontal e de mão dupla.

Conforme mencionado anteriormente, no que se refere aos constantes casos de racismo e injúria racial, os movimentos sociais parecem encontrar, nas tecnologias digitais o espaço oportuno para tomar a palavra, dar voz às suas manifestações, atingir um público que antes não tinha esse espaço na mídia. Para Jenkins (2008), hoje é possível pensar a sociedade por meio da expressão cultura participativa.

> A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes agindo de acordo com um novo conjunto de regras (JENKINS, 2008, p. 30).

[15] Disponível em: http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/04/luis-miranda-se-ofende-ao-ser-confundido-com-garcom.html . Acesso em 17 jun de 2017.

À medida que se consegue dar voz e visibilidade à sociedade civil organizada e contribuir na promoção de mudanças sociais, os meios de comunicação podem aproveitar a oportunidade para fazer, de fato, aquilo que deveriam fazer, tendo em vista o seu objetivo maior, que é servir ao cidadão e à sociedade.

A TV, no Brasil, existe desde os anos 1950 e, segundo dados do governo, 95% dos brasileiros assistem televisão regularmente e 74% a veem todos os dias[16]. Ainda assim, apesar de tanto tempo no ar e de possuir essa penetração nos lares, os negros no Brasil, maior população fora do continente africano[17] (53,6%), atrás somente da Nigéria, ainda são coadjuvantes quando falamos em telenovelas, séries, propagandas, programas de entretenimento. Há projetos de lei que determinam cotas para atores na televisão. Por enquanto, ainda sem essa força, parte da sociedade luta para ser vista e valorizada, indo contra o agendamento da mídia, mas promovendo a própria *agenda setting.*

É nesse contexto em que boa parte dos personagens negros aparecem em papéis que reforçam estereótipos tradicionais, como o negro que gosta apenas de samba e *funk*, mora na favela ou em bairros periféricos e atuam em um núcleo violento. Porém, como demonstrado no artigo, ainda que exista um longo caminho, esse panorama está mudando, e "Mister Brau" é um exemplo desse novo horizonte. No entanto, essa alteração, ao que parece, não partiu da mídia, ou não foi algo de forma despretensiosa. Esse novo formato de representação é fruto de uma demanda reprimida, ocultada por muito tempo, mas que agora se impõe, via rede sociais e também nas ruas.

É sabido que o racismo, que atravessou séculos sendo perpetuado, não seria rapidamente extinto. Afinal, os valores herdados da escravidão ainda persistem na sociedade atual, mas a busca pela igualdade e oportunidades está mudando cada vez mais a história da humanidade. E isso a televisão, enquanto concessão pública, pode e deve valorizar.

[16]Disponível em: http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/televisao-ainda-e-o-meio-de-comunicacao-predominante-entre-os-brasileiros . Acesso em 17 jun de 2017.

[17] Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-Brasil-e-a-africa-negra/29666 . Acesso em 17 jun de 2017.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, J. Z. Almeida de. **Negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo, Editora SENAC, 2000.

_____. **A Negação do Brasil.** São Paulo Rio de Janeiro, 2000a. (Documentário em vídeo).

_____. **O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira**. Rev. Estud. Fem.. Florianópolis, v. 16, n. 3, dezembro, 2008. Disponível em: http: //www.scielo.br/scie lo.php?script=sci_a rttext&pid=S0104-026X2008000300016&lng=en&n rm=iso Acessado em: 10 jul. 2017

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia – Dispositivos sociais de crítica midiática**. Paulus, 2006, São Paulo.

FARIA, Maria Cristina de Brandão & FERNANDES, Danubia de Andrade. **Representação da identidade negra na telenovela brasileira.** 2007. Disponível em http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/178/179. Acesso em 10 de jul de 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura de convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

McCOMBS, M. **"A teoria da agenda: A mídia e a opinião pública".** Petrópolis: Vozes, 2004.

MIRANDA, C.M. "**Estratégias de contra-agendamento em *websites* e *blogs*: Exemplos de participação do público na mídia".** Disponível em:http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1761-1.pdf, acesso em 17 junho de 2017.

SILVA, Luiz Martins da. "**Sociedade, esfera pública e agendamento.**" In: Lago, Cláudia; BENETTI, Márcia. "**Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**". Petrópolis: Vozes, 2007.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Letras Contemporâneas, 2002.